

Publicada desde 2011

ada

Ano 11 - Nº18

arco

artes e comunicação

REINVENTANDO
A VIDA

70 ANOS DE MUITA HISTÓRIA E COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO

São **70 anos** de muita história desde a fundação, em **28 de agosto de 1951**, da Sociedade Visconde de São Leopoldo, mantenedora da **Universidade Católica de Santos**. Das primeiras turmas da Faculdade de Direito, instalada na famosa **Casa Amarela**, até os dias de hoje, permanece o compromisso com a formação de cidadãos com base em princípios **éticos e solidários**.

A atuação como Instituição Comunitária de Educação Superior leva a **UNISANTOS** para **dentro da comunidade**, com a prestação de diversos serviços em áreas como **saúde, assistência jurídica, negócios, exatas e educação, por meio de inúmeros projetos sociais e atendimento à população**. A busca pela inovação e o constante investimento em pesquisa confirmam, desde o início, a solidez e a certeza de uma **educação superior de qualidade comprovada e sempre em evolução**.

É motivo de muito orgulho chegar aos 70 anos oferecendo **mais de 50 cursos de graduação presenciais e a distância; programas de mestrado, doutorado e pós-doutorado; dezenas de cursos de especialização e qualificação; mais de 50 grupos de pesquisa certificados nacionalmente pelo CNPq; convênios com instituições no mundo todo; programas de educação científica voltados aos estudantes desde o ensino médio; e a melhor estrutura de laboratórios e bibliotecas da região**.

Tudo isso é, também, resultado da dedicação e seriedade que somente quem tem tanta experiência e tradição pode oferecer. **E de quem ainda tem muita história para contar.**

CONHEÇA MAIS SOBRE A NOSSA HISTÓRIA
VISITE UNISANTOS.BR

“Sem pedras, o arco não existe”

Italo Calvino, As Cidades Invisíveis

EDITORIAL

CARTA AO LEITOR

Quando falamos em superação, pensamos em grandes feitos, em algo que seja digno do jornal das nove ou da capa de uma revista. Mas superações do dia a dia também são capazes de ocupar esses espaços. Como diria O Rappa, “a vida é linda, dura, sofrida, carente em qualquer continente, mas boa de se viver em qualquer lugar”. Para enaltecer histórias cotidianas e mostrar que a superação é intrínseca à sobrevivência de todos os seres humanos, os alunos do sexto semestre de Jornalismo da Universidade Católica de Santos trazem, nesta edição da Revista Arco, 11 histórias de pessoas que passaram por diferentes adversidades e continuam de pé, seguindo seus sonhos, suas vidas, seu destino, sem desistir dos seus objetivos. Kellyn Cugler, por exemplo, precisou percorrer 200 km, de Registro a Santos, para descobrir sua vocação em um momento de

dificuldade. A história de Carlos Farrenberg exigiu que ele mudasse de rumo para conquistar o tão sonhado objetivo no esporte. Já Márcio Oliveira teve que perder tudo e recomeçar do zero, assim como Jorge Luis Reyes, que precisou se reerguer longe de seu país natal. Todos eles, uma hora ou outra, foram obrigados a sair da zona de conforto - às vezes à força - e passar por cima do que os limitava, mostrando para as barreiras que a vida é de quem aprende a escalar. Assim como Marina Lestreck - agora de forma literal - que subiu ao alto de uma barra de pole dance e, dali, a três metros do chão, reescreveu sua própria história. Bruno, Jeová, Felipe, Ângela, Natalia e Adilson enfrentaram batalhas mais íntimas, contra os próprios corpos. Todos passaram por condições de saúde desfavoráveis, mas seguiram o conselho de Raul Seixas, Paulo

Coelho e Marcelo Motta, na canção Tente Outra Vez: “Não diga que a vitória está perdida, se é de batalhas que se vive a vida”. Além de superarem as próprias condições, uns lutaram incessantemente para recuperar a vida pré-adversidade, retomar suas atividades, seus sonhos e objetivos, outros tiveram insights e passaram a ajudar outras pessoas - ou animais - com problemas, num eterno exercício de gratidão pela sobrevivência. Esperamos que você, leitor, possa se inspirar nessas histórias e achar a força necessária para superar aquilo que o aflige. Porque de superação você já entende, afinal passou pela pandemia do coronavírus - que ainda não acabou - e está bem o suficiente para embarcar nesta jornada conosco.

Tenha uma boa leitura e, mesmo vacinado, se cuide.

SUMÁRIO

4

COMO UMA FORMIGA

KAUANY PRISCILA

6

ALEGRIA EM QUATRO PATAS

ISABELA SOLÉ

8

A BATALHA DA VIDA

JORGE MARQUES

10

CORAÇÃO REMENDADO

PEDRO ZURMA

12

MAIS QUE UMA CHEF

RENAN VALENTIM

14

UM REFÚGIO NA DANÇA

ALLANIS REBELO

16

UM SONHO DE VIDA

LETICIA MARQUES

18

POR NOVOS CAMINHOS

GUILHERME SIBLIO

20

ENSINANDO A SONHAR

PAULO JOSÉ

22

CORRER PARA VENCER

THIAGO APOLINÁRIO

24

DOADOR DE ESPERANÇA

TIAGO MAESTRE

COMO AS FORMIGAS

Fotos: André Motta/Fotos Públicas



Na vida e no esporte, o nadador Carlos Farrenberg enfrentou batalhas e superou barreiras. Com a persistência do inseto, que carrega até 100 vezes o próprio peso, tornou-se vitorioso



Farrenberg competiu pela medalha de prata nos 50 metros livre S13, para nadadores de baixa visão, nos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro

KAUANY SILVA

A medalha prateada reluzia sobre o peito de Carlos em 2016. Aquele símbolo pesado - com meio quilo de prata pura e expectativa de milhares de brasileiros, incluindo a sua - marcava a melhor e última fase da carreira olímpica do paratleta. Carlos Farrenberg, hoje gestor de riscos, lembra da conquista que lhe trouxe uma sensação única, de alegria e alívio, após anos menos felizes no esporte. “Foi um sentimento de dever cumprido”.

O motivo de toda a pressão foi a sequência de competições anteriores aos Jogos Paralímpicos Rio 2016, nas quais o paulista de 41 anos ficou fora do pódio. Em 2004, quando descobriu que poderia competir, não conseguiu passar das seletivas para participar dos jogos em Atenas, na Grécia. Foi em 2008 que estreou na competição e passou bem próximo a uma medalha, ficando em quarto lugar nos 50 metros livre S13, para nadadores com baixa visão, de Pequim (China).

No caminho para os próximos Jogos, Farrenberg sagrou-se campeão mundial de piscina curta nos 100 metros livre S13, em 2009, e ficou com a medalha de bronze na mesma competição, em 2010. “Estava me preparando para 2012, achando que ia ser o meu ano. Em Londres, fiquei em sexto (ri)”. Mas, na época, a decepção não o abalou. O atleta continuou treinando firme para 2016, mesmo que nem todos ao seu redor estivessem tão confiantes quanto ele.

“Depois de toda essa caminhada, já com 32 anos, meus pais, minha esposa, todo mundo pensava que eu ia parar. ‘Pô, quarto na primeira, sexto na segunda...’ E eu falei: ‘Não, do Rio eu vou trazer uma medalha’. Aí todo mundo ‘ah, então tá, me apoiaram e tal, mas ninguém estava realmente acreditando que eu ia ter essa teimosia, ou persistência, o que é parecido”, conta Farrenberg.

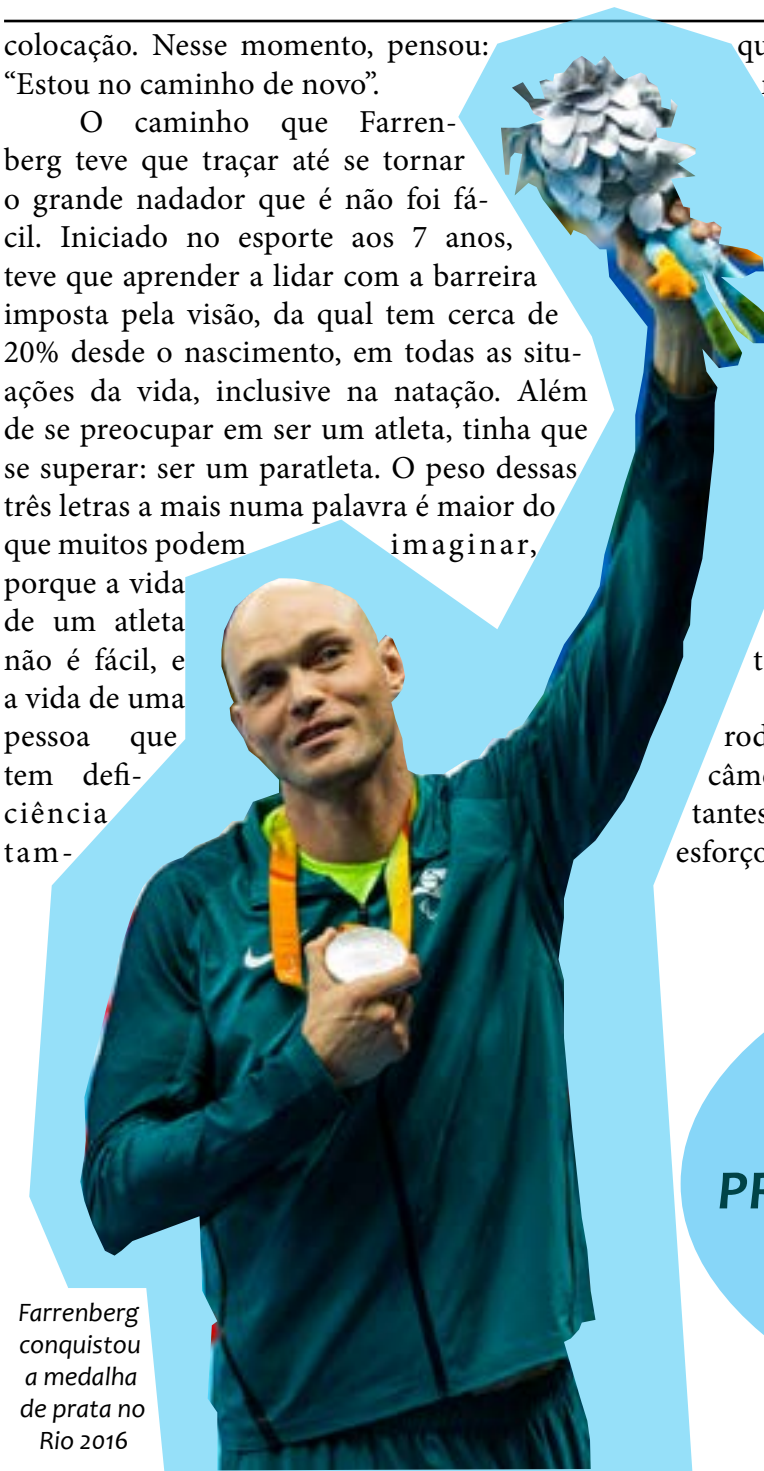
Antes da grande competição, o paratleta passou novamente pelo mundial. “Fiquei

em sexto de novo (ri)”, ele se diverte com a história agora, mesmo que à época tenha sido difícil. E ali, a pouco mais de dois anos da grande competição para a qual vinha se preparando desde que iniciou no esporte, Farrenberg se viu na posição de alguém que precisava tomar uma dura decisão para alcançar os seus objetivos. Ele chegou à conclusão de que deveria mudar o treinamento para “não tomar pau de novo na próxima”.

E assim, deixou a esposa em Santos, onde moram, e subiu à Capital. Ele buscava pelo treinamento de um profissional que o acompanhava desde 2011 na Seleção Brasileira, de quem precisava estar mais próximo no treino diário para alcançar a tão sonhada conquista. Felipe Domingues é o nome daquele que guiou Farrenberg até o momento em que saiu do Rio de Janeiro com uma medalha olímpica. Essa façanha era pressentida um ano antes, quando o atleta voltou ao pódio do campeonato mundial na segunda

colocação. Nesse momento, pensou: “Estou no caminho de novo”.

O caminho que Farrenberg teve que traçar até se tornar o grande nadador que é não foi fácil. Iniciado no esporte aos 7 anos, teve que aprender a lidar com a barreira imposta pela visão, da qual tem cerca de 20% desde o nascimento, em todas as situações da vida, inclusive na natação. Além de se preocupar em ser um atleta, tinha que se superar: ser um paratleta. O peso dessas três letras a mais numa palavra é maior do que muitos podem imaginar, porque a vida de um atleta não é fácil, e a vida de uma pessoa que tem deficiência também



Farrenberg conquistou a medalha de prata no Rio 2016

quais Farrenberg competiu com nadadores sem deficiência quando era mais jovem. “Quando eu tinha 14/15 anos, participava de competições convencionais. Não tinha tanto campeonato para pessoas com baixa visão como tem hoje. Os que havia eram poucos e eu só fui descobrir que existiam muitos anos depois”. Além do aumento de eventos esportivos inclusivos, o tempo também trouxe para a vida de Farrenberg ferramentas que contribuem com o dia a dia do atleta.

O celular é uma ‘mão na roda’ para o medalhista. O zoom da câmera amplia informações importantes que os olhos precisam de muito esforço para enxergar, como por exem-

“Acho que eu não vejo problema no fato da deficiência, vejo assim dificuldades que não dá para dizer que ‘ah, é tudo perfeito’. ‘Você gostaria de enxergar bem?’. É claro que sim. Mas não é algo que limita os meus sonhos, minha vontade de crescer, de melhorar”.

E falando na motivação que o faz passar pelas adversidades, lembrou de uma comparação que viu em um dos cursos que realizou para entrar na empresa onde trabalha atualmente. Um ensinamento que marcou e que ele deseja passar à filha futuramente. “A gente tem que tentar ser como as formigas. Se você tentar parar uma formiga, quando ela está caminhando, ela sempre vai arrumar um jeito de seguir o caminho dela. Ou ela vai passar por cima, ou pelo lado, vai te contornar. E o único jeito de pará-la é matando, amassando ela. E acho que a gente tem que imaginar isso. Quando você tem uma missão, um propósito, você tem que ser imparável, seguir em frente ao objetivo”.

“QUANDO VOCÊ TEM UMA MISSÃO, UM PROPÓSITO, VOCÊ TEM QUE SER IMPARÁVEL, SEGUIR EM FRENTE AO OBJETIVO”

bém não. A luta é em dobro e, mesmo assim, Farrenberg conseguiu chegar lá.

Ele, que recentemente terminou um MBA em Finanças e está dando início a uma nova carreira, se formou primeiramente em Educação Física e se dedicou ao esporte durante toda a vida, mas nem sempre como atleta. Farrenberg tem formação básica em Administração Esportiva pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB) e como treinador de nível três, para competições internacionais, pelo Comitê Paralímpico Brasileiro. Em 2011, coordenou um projeto do COB em parceria com a Universidade Federal de São Paulo para iniciação esportiva de crianças com deficiência. “Foi uma experiência legal trabalhar com as crianças, poder despertar o interesse delas, que talvez não tivessem tanta oportunidade. Hoje os professores têm mais conhecimento em relação às opções no esporte para crianças com deficiência, mas a dez anos atrás não tinham muito”.

Esse também é um dos motivos pelos

quais os números das casas, rótulos de produtos, e tudo aquilo que ele precise ler. Antes da tecnologia, Farrenberg dependia de ajuda para obter essas informações e nem consegue se lembrar “o quanto era mais difícil nesse tempo”, já que “autonomia” e “independência” são palavras comuns para defini-lo.

A baixa visão impõe alguns limites à vida do atleta, mas nada que o impeça de ser quem é ou de realizar aquilo que deseja. Ele não anda de bicicleta e também não dirige, pelo risco no trânsito, mas não se importa em se locomover a pé ou de ônibus. Também já pegou avião para países distantes sozinho e se ‘virou’ só falando inglês.

Foto: Kauany Silva



Exposição “Caminhos de Ouro”, em Santos, homenageou o atleta

ALEGRIA EM QUATRO PATAS

Fotos: Isabela Solé



Sobrevivente de uma doença que não perdoa ninguém, Angela achou esperanças no amor de uma cachorrinha que a ajudou na recuperação

ISABELA SOLÉ

Persistência. Substantivo feminino que leva a característica de persistente; alguém que não desiste facilmente. Pode-se dizer que Angela nem sempre carregou essa palavra no seu vocabulário, principalmente quando viu seu organismo ser atacado por um mal que se instalou e decidiu que ali estava no seu direito de tomar tudo o que pudesse alcançar.

Em 1996, aos 38 anos, casada e com dois filhos, Angela não se alarmou quando começou a sangrar. É natural de toda mulher. Contudo, após perceber que aquilo estava fora dos parâmetros normais e que se estendia por um tempo maior, a corrida atrás de médicos e consultas se iniciou. No mesmo ano, Angela começou sua batalha contra o câncer.

E ele não perdeu tempo, arrancando logo de cara um de seus maiores sonhos: Ana Paula. Quando o fato de que não havia mais possibilidade de ter outros filhos tornou-se inegável, a esperança de gerar uma filha que se chamaria Ana Paula escorreu pelo ralo e levou um pedacinho de Angela consigo. Essa foi uma das coisas que mais a desestabilizou, além da já existente preocupação com os filhos. “Eu meio que pirei por causa dos meus filhos. Eles estavam com 8 e 9 anos”. Nesse momento, pensou: “E agora? E a minha Ana Paula? E a minha menina? Quando você é mais nova, você logo pensa: ‘E se eu morrer, quem é que vai ficar com os meus filhos?’”.

Durante oito anos, a luta era diária e imperdoável com Angela. “Eu fiquei muito abatida porque sou mulher, né, mulher é vaidosa. Então eu inchei muito, cabelo caiu, os meus dentes o câncer comeu tudo. Ficou muito feio, caiu unha da mão e caiu unha do

pé. Eu fiquei com muita vergonha de mim”. Aos poucos, Angela não conseguia mais levantar da cama e precisava de ajuda para tomar banho. Precisou utilizar fraldas e chegou a arrancar os espelhos do apartamento, porque não queria enxergar o próprio reflexo. “Eu não conseguia mais levantar para levar os meus filhos para a escola, eu não conseguia mais levantar para fazer uma comida. Então, eu me sentia mesmo um nada. Me sentia um peso na vida deles. E ali eu praticamente... praticamente não, eu desisti”.

E agora, como persistir em algo quando a única luz acesa é também o fim? Quando um dos médicos responsáveis pela saúde de Angela chamou o marido e seus pais para conversar, a sentença era de que não havia outro caminho. Angela recorda o que o médico disse à família: “Não vai ter jeito. A gente não vai conseguir salvá-la porque já está com metástase no pulmão. Quem de vocês vai falar para ela que não tem jeito e que ela tem que escolher agora em vida quem é que vai ficar com os filhos?”. Esse foi um dos raros momentos em que An-

gela conseguiu encontrar forças para lutar, para negar que a própria morte a alcançasse e para que, com a ajuda dos médicos, lutasse e tentasse de tudo até o último recurso.

Chegaram a um ponto em que seu marido, que na época trabalhava na cidade de São Paulo e saía de madrugada para voltar à noite, não sabia mais o que fazer. E numa tentativa de resgatar aquele pedacinho inicial que foi arrancado de Angela, a Anie Alice entrou em cena.



A sede da ONG criada por Angela fica na Rua Carvalho de Mendonça, 670, no Marapé, em Santos

Serelepe e cheia de curiosidade, todos esperavam que a cachorrinha, quando fosse colocada no chão, saísse explorando os cômodos da casa. No entanto, ela parou ao lado da cama onde Angela passava seus dias deitada e arranhou a madeira. Queria subir para ficar com ela. A partir de então, o laço entre as duas se solidificou. E as cores começaram a reaparecer na vida de Angela, que aos poucos passou a recuperar suas forças e a vontade de continuar. Um dia, levantou da cama, em outros foi até a cobertura do prédio durante a noite com lenços na cabeça. Lentamente, a vida retornava aos olhos de Angela. Logo, a notícia que ninguém esperava chegou: a doença regrediu e caminhava em direção à cura. Naquele momento, Angela sentiu-se grata a Anie Alice e a todos os animais pela recuperação de sua saúde.

A cadelinha, porém, não teve a mesma sorte. Anie Alice morreu de câncer. Contudo, Angela se alegra ao lembrar de sua primeira amiga de quatro patas. “É tão gratificante! E é tão gostoso lembrar como foi, que, de verdade, eu nem me lembro das dores que passei”. A história das duas, além de servir como transformação na vida pessoal de Angela, é o pilar do seu trabalho como protetora de animais, que se iniciou em 2005. “Através da minha Anie Alice, quantas Anies Alice a gente conseguiu salvar e quantas pessoas conseguimos alcançar”.

Angela começou acolhendo animais de rua em seu próprio apartamento. Depois, tentava doá-los. Inicialmente, eram quatro gatos e três cães (contando com Anie Alice). Angela buscava castrá-los e às vezes patrocinava castrações para outros animais.

Dessa forma, foi construindo sozinha seu nome na proteção dos animais. Chegou a trabalhar em uma ONG e até se tornou di-

retora, porém não deu certo. “Eu não sentia a minha essência nessa ONG e eu queria algo com a minha essência. Eu queria ajudar os animaizinhos e as pessoas, eu não vejo sentido de você chegar em algumas pessoas muito carentes e oferecer ajuda para o animal, você vendo a pessoa passando necessidade também, e você não tentar ajudar a pessoa”. Sempre que possível, Angela leva uma cesta básica às famílias que ajuda.

Em 2015, Angela deixou a organização não governamental onde atuava e fundou a ONG Patinhas que Brilham.

O nome foi uma invenção de duas sobrinhas de Angela. O significado está no brilho e alegria que os animais dão à vida das pessoas. “Eles são muito puros e eles precisam da voz da gente. Eles conseguem nos transformar. Basta a gente dar uma chance, basta a gente olhar nos olhinhos deles, de coração aberto, que a gente é transformado, a gente é curado e eles são tudo. Basta a gente se permitir”.

No começo, com apenas um funcionário e sem a ajuda do marido, que ainda não era aposentado, Angela dedicou-se totalmente à ONG. Em 2018, ela sentiu uma necessidade de legalizar a instituição, pois acreditava que, com isso, aumentaria o alcance de sua voz. Hoje, a ONG Patinhas que



Muitas Anie Alices vieram em homenagem à cachorrinha que salvou sua vida

Brilham acolhe 13 cachorros e 80 gatos. O foco, diferente de muitas outras ONGs, está nos animais adultos. Todos passam por consultas médicas, castração e, no mínimo, recebem as primeiras doses das vacinas antes de serem adotados. Também é a ONG que mais resgata animais na Baixada Santista.

Persistência: Substantivo feminino que representa Angela.



“Tudo está sendo uma persistência. Foi uma persistência na época da cura porque demorou. Depois a aceitação por eu não ter uma filha humana, porque hoje eu tenho várias filhas de quatro patas e sou super completa. A persistência em crescer para ajudá-los...”



Resgatado pela ONG, Lupito fazia parte de uma rinha de cachorros e sofreu algumas sequelas devido às brigas. Agora, como residente fixo, está recuperado e sempre rodeado do amor de Angela e dos voluntários

REINVENTANDO A VIDA

Era só uma saída com os amigos, porém, um acidente o levou para a UTI durante 52 dias. Após a alta, teve que recomeçar a viver do zero

JORGE LUIZ MARQUES

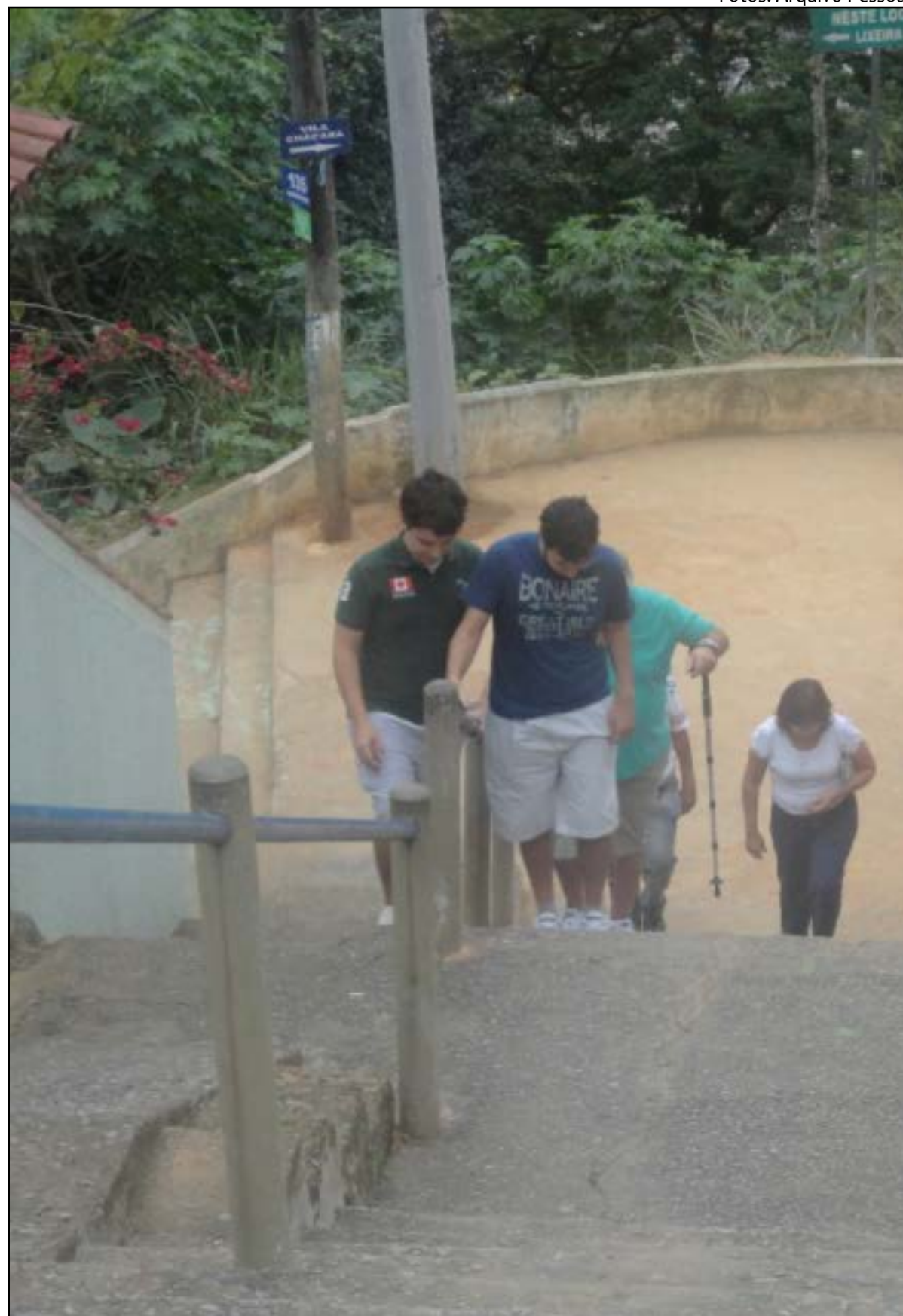
O que era para ser uma noite de curtição em umas das casas noturnas mais famosas de Santos acabou se transformando em tragédia. Felipe caiu do segundo andar da Capital Disco de cabeça no chão. Após 52 dias na UTI, ele nasceu novamente. Hoje em dia as sequelas do acidente não o impedem de fazer as coisas.

Felipe Eduardo Félix Novita Rodrigues nasceu em Santos no dia 1º de fevereiro de 1988. Filho de Francisco e Marilange, ele é o caçula entre seus irmãos Daniela e Marcelo. Sempre foi um garoto alegre, bondoso, e deixava qualquer um que estava a sua volta feliz. Gosta de ler, viajar e de futebol, acompanhando seu time do coração, o Santos Futebol Clube.

Na noite de 23 de junho de 2012, um sábado, Felipe decidiu ir à Capital Disco para curtir um show da dupla sertaneja João Lucas e Marcelo, que estavam nas paradas de sucesso com a música “Eu quero tchu, eu quero tcha”, canção que explodiu após Neymar, na época jogador do Santos, fazer a dança em uma das comemorações de gol.

Tomou o rumo da festa acompanhado de seus amigos e de seu irmão Marcelo. O grupo fez um esquentar no estacionamento e logo depois entrou na casa noturna. Para aproveitar a vista, eles ficaram em um dos camarotes no segundo andar do estabelecimento. Tudo estava indo bem. Todo mundo curtindo e bebendo, enquanto o show não começava. Aquela noite terminava em alguns minutos. De repente, Felipe caiu de cabeça do segundo andar direto na pista, que fica no primeiro, cerca de 5 metros de altura. Ali, a vida do garoto de 24 anos começou a mudar.

Após a queda, Felipe ficou desacordado no chão com muito sangue em volta de seu corpo. Ele recebeu assistência médica no local e foi levado para o hospital, onde foi encaminhado para uma cirurgia de emergência. “O meu estado era gravíssimo e precisei ficar em coma induzido e na UTI por 52 dias com o diagnóstico de lesão axonal difusa. Nesse



Felipe soube do acidente por meio de amigos e familiares, já que perdeu a memória daquela noite

Fotos: Arquivo Pessoal

período tive três paradas cardíacas, edema no pulmão e tive que fazer traqueostomia”.

Sempre com a esperança de que Felipe iria acordar, a família rezava para a padroeira da cidade de Santos, Nossa Senhora do Monte Serrat. Os médicos já estavam descreditados e cogitavam o desligamento dos aparelhos, porém, a família mantinha fé.

Felipe conseguiu ir para o quarto no dia 27 de julho de 2012. Parecia que as orações tinham surtido efeito. Vinte dias depois, ele recebeu alta e pôde ir para casa, porém, ainda sem conseguir fazer nada. Não andava, não comia, nem falava. O jovem teve, além dos já citados problemas de saúde, hemiparesia do lado esquerdo, grave problema de memória recente e afasia de linguagem. Marilange, mãe de Felipe, prometeu que a família subiria o Monte Serrat até o Santuário em forma de agradecimento.

A partir do momento em que foi para casa, a rotina mudou completamente. A fisioterapia era feita todos os dias, de manhã e à tarde. Ele ganhou a companhia de dois enfermeiros para ajudá-lo, o que conta rindo, pois, como relata, era desagradável uma pessoa estranha o dando banho. Felipe ainda teve acompanhamento de fonoaudióloga, terapeuta ocupacional e psicóloga. Graças a esse tratamento, conseguiu parar de chorar quando pensava no que tinha acontecido.

As dores eram muito fortes, quase insuportáveis, mas ele não podia parar. A rotina ficou muito complicada após o início da hidroterapia, que iria ajudá-lo a voltar a andar. “Olha como ficou a minha semana: fisioterapia de manhã e à tarde; duas vezes por semana, terapia ocupacional e fonoaudióloga; uma vez por semana psicóloga e, de noite, hidroterapia duas vezes por semana. Os meses passavam e eu continuava igual, sofrendo e chorando muito. Não acreditava que ia melhorar, só dormia porque tomava remédios que eu capotava”. Felipe ainda se lembra do medo que tinha de viver para sempre em uma cadeira de rodas.

Sua rotina era muito pesada. Os pais, Francisco e Marilange, decidiram, então, fa-



A viagem para a Argentina foi um dos pontos principais da recuperação de Felipe

zer um cruzeiro com ele para a Argentina, assim Felipe conseguiria tirar uma semana de folga dos tratamentos e relaxar a mente.

“Foi uma excelente viagem, mas eu estava na cadeira de rodas. Era muito triste ver tudo aquilo e não fazer nada. Estávamos em um jardim, meu pai veio do meu lado e falou: – Fê, vamos sair andando pelo jardim! Eu respondi: – Pai, eu não consigo. Ele falou: – Eu te ajudo e você vai conseguir! Essa foi a primeira vez que eu andei sem cadeira e com o meu pai do lado”.

Quando começou a andar, Felipe conta que sofria muitas quedas, porém ele se considera um vitorioso, pois, com as quedas e os tratamentos, ele foi avançando na recuperação e a cada estágio que passava era uma conquista. “Imagina uma criança que está aprendendo a andar. Ela cai muitas vezes no chão. Agora uma criança com hemiplegia, só de estar andando, é uma vitória”.

“Imagina uma criança que está aprendendo a andar. Ela cai muitas vezes no chão. Agora uma criança com hemiplegia, só de estar andando, é uma vitória”

Hoje ele agradece pelos tratamentos, já que conseguiu voltar a fazer coisas que pensava que não iria fazer mais, uma delas era dirigir. “Tudo o que eu consigo fazer hoje, sofri muito para conseguir e ainda consigo do meu jeito e com as minhas limitações”.

Ele conta que ainda fica chateado com a reação das pessoas ao olharem para ele, pois se sente diferente ao ver que comentam sobre sua condição.

Em relação às perguntas, ele diz que está acostumado, porém fica triste quando as pessoas não acreditam que ele superou todos os problemas. “Quando vou para a balada é muito desagradável as pessoas acharem que eu estou bêbado. Às vezes escuto piadinhas, ou se eu preciso de algum tipo de ajuda, sinto uma rejeição e mesmo eu falando que não bebo e sofri um acidente as pessoas ainda não acreditam”, referindo-se às sequelas no andar e na fala. Porém, ele sempre lembra que só de estar em um lugar, não curtindo como todos, mas da forma como consegue, é uma vitória para ele.

Atualmente, as fisioterapias mudaram para exercícios como caminhada ou natação, trabalha com um pouco de dificuldade e tem alguns problemas na memória, mas nada que o impeça de viver. Felipe conta que sofreu, chorou e lutou bastante para chegar onde está. “Vou continuar me esforçando, acreditando e lutando, fazendo de tudo que posso para melhorar a cada dia”.

CORAÇÃO REMENDADO

Aos 17, Bruno de Lima Melo só tinha mais três meses de vida. Quase duas décadas depois, ele vive de peito aberto ao que vier

PEDRO ZURMA

Imagine ter 17 anos, estudar, praticar esportes, criar opções diversas de caminhos para percorrer, mas de repente descobrir que, independentemente da escolha, só tem dois meses de vida. Essa era a realidade de Bruno de Lima Melo em 2002, quando foi diagnosticado com comunicação interatrial, que nada mais é que um mau funcionamento no bombeamento sanguíneo do coração. “Eu estava sentado na mesa de jantar com meus pais e, pimba, caía no chão”.

Atualmente aos 36 anos, Bruno conta que nasceu com sopro. Começou a apresentar sinais e sensações de que estava se esforçando além da conta aos 17 anos, fazendo com que seus pais investigassem, chegando à “bendita comunicação interatrial”.

Com isso, foi revelado que, se não realizasse cirurgia no coração, teria no máximo três meses para seu coração não bater mais. “Bom, minha mãe me falou que eu tinha três, quatro meses de vida. Era diferente, eu vi o desespero nela”, conta. Ele lembra de um momento complicado, obviamente, mas que seu pai era um apaziguador. “Imagina tua família vendo você desmaiar com frequência, sem ter uma boa explicação, sendo que eu não tinha nada. Foi um desespero, pra minha mãe principalmente, porque ela não sabia o que fazer”, recorda.

Sobre o que fazer, ele também não sabia, especialmente por não fazer ideia da origem de seu problema. “Não tinha nenhuma correlação com atividade física ou o sopro que tive. Se tivesse, talvez eu ficasse mais tranquilo e pudesse sossegar o facho”.

Apesar de ser uma cirurgia simples, Bruno teria um caminho diferente, segundo os médicos. “Será que eles disseram isso com o intuito de fazer com que eu operasse, ou será que ia dar zebra mesmo se eu não operasse?”, brinca sobre suas possibilidades.

Ainda assim, não escondeu seu medo da morte, que “azucrinou” sua cabeça. “Será que é isso mesmo? Será que eu vou morrer? Será



Após a cirurgia, Bruno ainda tentou jogar futebol mas, devido à dificuldade de manter a intensidade, abandonou a prática ocasional do esporte

que eu não vou morrer? Fiquei martelando isso na minha cabeça por um bom tempo”.

Mesmo com as inseguranças e os medos, viu que a operação era sua única opção. “Ou eu operava, ou eu matava minha mãe do coração”, ironiza. Sem ter o que fazer, permitiu que seu coração falho fosse levado para a sala de cirurgia da Santa Casa de Santos.

“Eu tive um sopro lá”, recorda,

explicando que não era com o seu coração recém-operado, e sim com a comida. Autonomizando-se “ruim para comer”, a única coisa que pensava dentro das quatro paredes de um quarto de hospital era no McDonald’s, do outro lado da Avenida Dr. Cláudio Luiz da Costa. Assim, chegou a “fugir” do hospital para suprir o desejo, e foi repreendido pela enfermeira. Ela alegou que iria ex-

pulsá-lo caso aquilo se repetisse.

Saindo do hospital, durante seis meses, fez do seu quarto o mundo. Não podia ir à escola. Só saía para ir à terapia semanalmente, limitando-se ao repouso absoluto. “Qualquer movimento que fizesse, eu tinha impressão de que meu peito ia abrir”.

Com isso, o tédio tomou conta do seu tempo, mas ele implorou ao pai uma conexão de internet melhor para jogar no computador. “Depois disso, me recuperei bem e fui para a escola”.

Na sala de aula, onde antes era um menino falante, que curtia com seus amigos, por insegurança ele adotou o silêncio. Tinha receio de que os colegas zombassem de sua nova condição.

Atualmente, ele só tem uma restrição. Não fazer esforço físico excessivo. “Isso é muito vago para mim, porque não tem cor-

“Será que é isso mesmo? Será que eu vou morrer? Será que eu não vou morrer? Fiquei martelando isso na minha cabeça por um bom tempo”

Fotos: Arquivo Pessoal



Mesmo com as limitações precoces que a doença lhe impôs e apesar de sentir falta de andar de patins, Bruno respeita suas condições físicas sem lamentar

relação com o esporte, é qualquer tipo de esforço excessivo, e eu posso me comprometer”. Mesmo assim, Bruno confessa que, embora se distancie das atividades físicas, costuma correr na praia.

Anos após a cirurgia, ele tentou jogar futebol. Porém, passou mal. “Eu me senti cansado. O cansaço vinha muito rápido. Eu lembro que para eu recuperar o fôlego, eu me deitava. Me deitava no chão e abria os braços, puxava o ar, era um teatro, meu Deus do céu, pior que cena de novela”, brinca sobre o momento em que aposentou as chuteiras.

Bruno afirma que não se sente frustrado com as limitações impostas por seu cora-

ção. “O médico me disse o seguinte, que com a minha cirurgia, eu deveria ter uma vida normal, isso só dependia de mim, exclusivamente, e eu decidi ter uma vida normal”. Porém, revela que sente falta de andar com seus patins.

Apesar do coração remendado, Bruno afirma que vive a vida como ela merece ser vivida, respeitando alguns limites que o corpo lhe impôs de forma precoce. No entanto, o rapaz permanece com a mesma perspectiva sobre presente e futuro. Bruno confessa, ainda, que se preserva quanto a uma única e específica situação: “Não me arrisco muito com altura”.

“Qualquer movimento que fizesse, eu tinha impressão de que meu peito ia abrir”



Foto: Renan Valentim

MAIS QUE UMA CHEF

Destaque da cozinha caiçara e finalista do concurso "Feito em SP", Kellyn Cugler é inspiração para futuros profissionais da Baixada Santista

RENAN VALENTIM

Kellyn Cugler 'cresceu com os búfalos', como ela mesma conta. Quando criança residia na cidade de Registro, no Vale do Ribeira, em uma casa simples, onde dividia teto com seus quatro irmãos, mãe e padrasto. Mesmo sem saber do seu destino, a infância de Kellyn já apresentava resquícios do seu futuro. Por conta do costume familiar de plantar seus próprios alimentos e caçar animais, Kellyn já tinha um contato tímido com o mundo da gastronomia. "Aprendi desde cedo a mexer com essa 'coisarada' toda. Além das hortas de legumes e verduras, criávamos gado, com porcos e galinhas. Esse conhecimento agregou muito na minha profissão", relata.

Em sua infância, Kellyn tinha poucas nomeações: filha, irmã e sonhadora. Agora, para referir-se a sua versão de 28 anos, é ne-

cessário usar o honorífico 'chef' em primeiro lugar. Com experiência de dez anos na área e hoje atuando no Estação Bistrô Restaurante-Escola como cozinheira e professora, a gastróloga se tornou referência da culinária caiçara e se sente tranquila com sua posição no âmbito profissional.

Mas a versão juvenil de Kellyn nem visualizava os alimentos como o futuro da sua carreira. A chef relata que, quando menina, sonhava com arquitetura. A ideia do "curso dos sonhos" nasceu pois, quando criança, um dos passatempos preferidos da garota era assistir a programas de reforma na televisão. Kellyn adorava ver as casas sendo modificadas do zero e, um dia, idealizava que acontecesse o mesmo dentro do seu próprio lar, que tinha paredes sem finalização e com o chão 'vermelhão'. "Ficava desenhando plan-

tas, imaginando como eu queria que fosse minha casa", relata.

O sonho de fazer arquitetura, no entanto, foi ofuscado pela realidade. Com o passar dos anos, os irmãos de Kellyn saíram de casa, trilhando suas próprias vidas. Consequentemente, conquistando o próprio dinheiro.

Almejando uma vida melhor, a família mudou-se para Santos, mas os obstáculos

"Eu queria e precisava de um emprego. Minha família nem precisava abrir a boca para pedir, eu já sabia que era uma necessidade que iria ajudar nas despesas da casa"

continuavam aparecendo.

Por conta de um acidente de trabalho, seu padrasto ficou impossibilitado de fazer esforços físicos por um longo período de tempo. Vendo o desespero da família, Kellyn decidiu que se tornaria a responsável por erguer a casa onde morava.

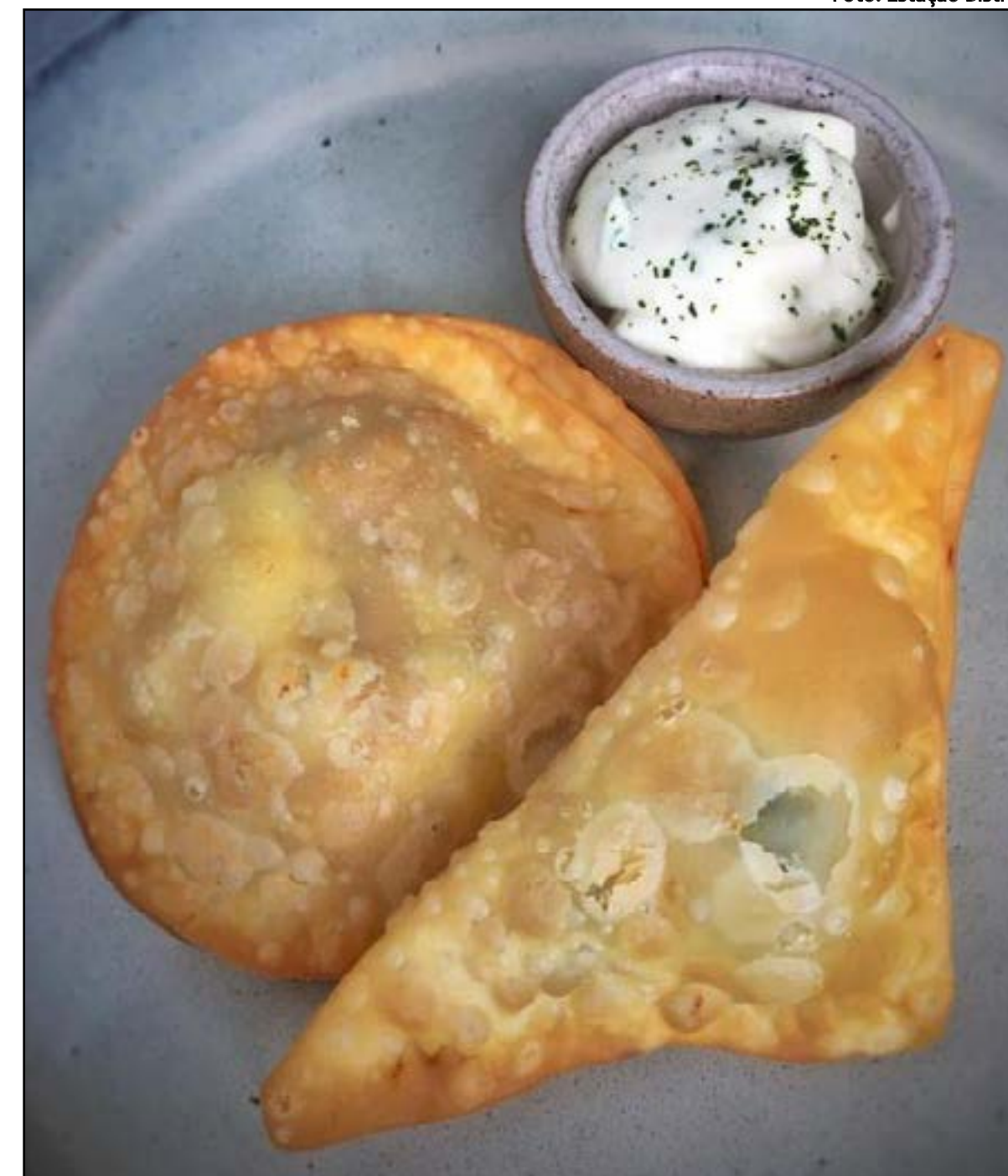
"Eu estava agarrando toda oportunidade que aparecia. Através da assistência social, fiz o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), um curso de Comércio Exterior e logo depois veio a chance de entrar na primeira turma do "Estação Bistrô", relata. Em sua primeira entrevista, para a revista Beach & Co, Kellyn tinha 18 anos e havia sido selecionada como uma das cinco melhores alunas do projeto, e segundo a matéria, a antiga moradora de Registro era "um dos bons exemplos a serem seguidos".

Agora, ao entender sua história, sua dedicação é mais do que compreensível. A jovem tinha que ser boa, pois precisava ser inserida no mercado de trabalho; sua família necessitava disso. Na mesma reportagem, estava escrito que no Estação Bistrô não existem chefs renomados. Depois de nove anos, ela derruba essa afirmação.

Além de passar de aluna para contratada no espaço de um ano, Kellyn se tornou finalista da décima terceira edição do concurso gastronômico "Feito em SP", representando a cultura caiçara. A chef superou treze competidores da região ao apresentar o seu "Casadinho Caiçara", prato que, curiosamente, mostra que os búfalos continuam presentes na vida da ex-moradora de Registro. O casadinho é composto por dois pastéis - um recheado com peixe-galo, e o outro com banana-da-terra e muçarela de búfala, acompanhados por emulsão de cambuci. Mesmo com uma grande conquista no currículo e a assinatura em um prato extremamente sofisticado, Kellyn não demonstra superioridade. "Tinham muitos pratos legais também, acho que ganhei porque soube escolher um prato que realmente representa a região", conta.

Mas, para ela, concorrer em um dos maiores eventos gastronômicos do país não foi a maior conquista da sua carreira. "Consegui uma bolsa para fazer o curso de gastronomia na UniSantos, mas não pensei que iria terminar a faculdade. Não conseguia me ver dentro de uma universidade e achei que não daria conta por não ser boa com teoria, tinha medo do que ia enfrentar. Dei meu máximo, mas, no começo, era um desafio, pois me sentia uma estranha. Tinha receio de perguntar as coisas para os professores e, quando notava que só eu tinha dúvida, ficava quieta e tentava achar a resposta por mim mesma, ou esperava a aula acabar para pe-

Foto: Estação Bistrô



Casadinho Caiçara: prato da chef que conquistou os jurados do concurso gastronômico "Feito em SP"

dir auxílio para os professores", relata Kellyn. Depois de três anos conciliando o Estação Bistrô e o curso de Gastronomia, conquistou seu diploma em 2016.

Mesmo com tantas vitórias e conquistas dentro de sua carreira, Kellyn conta que o momento que mais sentiu orgulho de si mesma aconteceu após ter concluído as aulas no Estação Bistrô, onde, com seu diploma de estudante em mãos, pôde fazer um jantar especial para sua mãe com todos os passos e instruções que aprendeu dentro do Restaurante Escola. Após quase dez anos de carreira, a ex-moradora de Registro mostra que sua família ainda vem em primeiro lugar.

"Não acreditava em mim mesma. A Kellyn de alguns anos atrás jamais imaginaria que eu chegaria tão longe. Mesmo que eu seja tímida, acho importante passar para frente minha história, pois sei que existem muitos jovens que precisam de incentivo para continuar." O Estação Bistrô já formou

mais de 350 alunos em situação de vulnerabilidade social, entre eles a própria Kellyn. Além disso, a maioria foi guiada pela atual chef, servindo como fonte de inspiração para futuros cozinheiros e baristas da Baixada Santista, não só pela sua experiência profissional, mas por sua trajetória.

Kellyn mostra diariamente aos estudantes que, para alcançar o sucesso, não é preciso esquecer do passado, pois tudo é importante para a construção do caráter.

"O maior conselho que a vida me deu foi que tudo que você já viveu se torna bagagem para o futuro. Não podemos ter vergonha do passado, e sim orgulho de quem a gente pode se tornar"

UM REFÚGIO NA DANÇA

Mariana Lestrek, de 30 anos, conta como transformou sua vida da água para o vinho, quando começou a praticar o pole dance sensual

ALLANIS REBELO

Machado de Assis, por meio do personagem Félix, no romance *Resurreição* (1872), manifestou que a valsa é a única dança em que há poesia. Já o poeta gaúcho Mário Quintana transformou em poemas as emoções que a dança lhe transmitiu. Muitos, de fato, veem essa atividade humana como um combustível para a alma. Para Marina, a dança foi uma maneira de mudar a vida.

Bailarina desde criança, Marina Lestrek, hoje professora e proprietária de um estúdio de pole dance sensual, usa a dança como um refúgio do mundo real. Quando jovem, se formou em Engenharia Química e, apesar de gostar, não se sentia completa com a profissão. Trabalhou duro na área, passou em concurso público. Tudo para que um dia pudesse conseguir seu estúdio.

Mas nada disso foi suficiente para a dançarina. O valor que recebia sendo funcionária pública não era suficiente para realizar seu sonho. Marina começou a dar aulas em seu próprio quarto na casa de sua mãe.

“Antes de ter meu estúdio já dava aulas em minha casa, como complemento de renda. Meus pais sempre me apoiaram, mas,

quando resolvi deixar o cargo público, minha mãe não concordou”, lembra. A decisão foi difícil, pois ela acabou trocando o emprego certo, que lhe dava segurança, para iniciar um sonho do zero.

Nesse meio tempo, Marina teve que procurar alternativas para conseguir dinheiro. Foi então que ela decidiu trabalhar em boates e se apaixonou pelo pole dance, um estilo sensual que carrega estereótipos e preconceitos devido a sua origem.

“O pole dance, independente do estilo, ele veio das strippers. Elas que criaram. E eu conheci por elas, não sabia que era um esporte. Comecei a me dedicar e aprender mais”, conta.

O pole dance sensual é apenas um dos seis tipos existentes. Os outros cinco são: fitness, exótico, contemporâneo, art e funk. A atividade ajuda o praticante a ter consciência do próprio corpo, a melhorar a lateralidade e a tonificar os músculos do abdômen, dos braços e das pernas.

Hoje, com 30 anos, grávida e realizada profissionalmente, Marina teve que adaptar a vida da noite para a de uma atleta, teve que superar cada desafio e preconceito para se

tornar profissional. Depois de fazer faculdade de Educação Física, a dançarina estudou pole dance em diversas cidades e, desde os 23, faz aulas profissionais.

Como se já não bastassem as dificuldades para chegar a essa fase, ela ainda lidou e lida com inúmeros assédios, principalmente nas redes sociais. “Eu estava em um lugar (boate) para ser vista e agradar o público masculino. E mesmo depois de sair, colegas de trabalho ainda compartilham minhas fotos em grupos fazendo piadinhas”, relata.

Marina se orgulha das mulheres que se inspiram nela, e buscam a modalidade para se descobrir e se amar, não como antes que era apenas para agradar o sexo oposto. “Hoje o pole leva as mulheres a sair do armário e explorar sua sexualidade”, finaliza.

Marina achou no pole seu recomeço, seu refúgio e uma vida totalmente mágica.

“Hoje o pole leva as mulheres a sair do armário e explorar sua sexualidade”



Fotos: Arquivo Pessoal

15



O pole dance se divide em seis tipos: sensual, fitness, exótico, contemporâneo, art e funk. O praticante passa a ter consciência do próprio corpo e melhor lateralidade, além de tonificar os músculos do abdômen, dos braços e das pernas

UM SONHO DE VIDA, POR FAVOR!

A queda de alguém que tinha tudo e despencou para o fundo do poço. Márcio Rodrigues de Oliveira levava uma vida confortável e perdeu tudo, virou morador de rua e se reergueu vendendo bombom

LETÍCIA MARQUES

É incrível e assustador como a vida pode mudar em questão de dias, minutos e segundos. Será que teríamos tanta ansiedade para “os próximos capítulos” se soubéssemos o que o futuro nos reserva? Por muito tempo, Márcio Rodrigues de Oliveira, de 48 anos, não queria nem que os próximos instantes chegassem.

Homem, de classe média alta, casado e com um filho de um outro casamento, sempre gostou de usar roupa social (camisa de botão e gola, paletó e calça). Hoje, a maioria, porém, é de doação. Márcio estava bem, já havia se recuperado do primeiro rompimento e tinha uma vida com outra esposa há 8 anos. Ele conta em tom orgulhoso e ao mesmo tempo melancólico que tinha uma vida confortável e sem muitas preocupações financeiras devido à empresa de representação de materiais de construção que lucrava de R\$ 8.000,00 a R\$ 10.000,00 por mês. Porém, foi em um desses instantes da vida de Márcio que tudo aconteceu.

Ele perdeu o casamento e tudo o que tinha conquistado até então. Nem um lugar para dormir lhe restou. A pandemia estava no ápice, e ele sem emprego e com pouco dinheiro, o suficiente para alugar uma pequena casa e comer. Mas em uma hora o dinheiro acabou. Pediu ajuda e abrigo aos amigos da antiga vida, falou com alguns parentes, mas com nenhum encontrou ajuda. Alguns tinham medo do vírus outros simplesmente lhe viraram as costas.

Foi nesse momento que sua raiva, misturada com as decepções e o desespero, o levou a colocar uma faca-peixeira na garganta por mais de três vezes. Não queria saber o que iria acontecer. Seu desejo era acabar com o sentimento que crescia cada vez mais dentro dele, não só pelo que havia acontecido, mas pelos pensamentos ocasionados pela depressão que desenvolveu e que não conseguia espantar.



Márcio trabalhava todos os dias uniformizado para causar uma boa impressão

Para ele, não havia luz no fim do túnel, era o fundo do poço. O choro já entalado na garganta, nesse momento, se transformou em um oceano em seus olhos.

Apesar disso, a todo momento se passava um filme em sua cabeça, das coisas que viveu, de como agiu, de toda sua vida e percebia que, sim, havia uma luz no meio daquela escuridão: seu filho. Ele sabia que precisava viver e vencer tudo pelo filho de 14 anos, a quem não procurou para pedir ajuda, pois não achou que era o certo a se fazer pela pouca idade e também para não provocar brigas com a primeira esposa.

Enquanto ainda havia dinheiro, ele se envolveu em mais um relacionamento no qual depositou todas as fichas, pensando que seria sua “cura”. Um relacionamento que o levou até Minas Gerais, mas ao chegar lá sofreu outra desilusão. Sem destino, amargurado e sem dinheiro, ele se viu em desespero e sem saber o que fazer. Márcio, que antes morava em Ilha Comprida, resolveu voltar para sua cidade natal, Peruíbe. Talvez a viagem mais estranha e humilhante de sua vida. Teve que pedir caronas na estrada e dinheiro para passagem de ônibus, mas, com muito custo, conseguiu chegar ao destino. A troco de quê? Com o pai já falecido, não queria pedir nada a sua mãe.

Natural de Peruíbe, ele morou durante anos em Ilha Comprida, o lugar onde tudo aconteceu. Quando finalmente chegou à cidade natal não tinha para onde ir. A solução foi dormir na rua e revirar latas de lixo

Foto: Letícia Marques



Márcio passou a assistir vários vídeos de empreendedorismo no YouTube para saber como poderia oferecer produtos mais atraentes e arrumados

em busca de comida.

“Eu tinha vergonha”, confessa com os olhos novamente marejados.

Depois de quase uma semana nessa situação, ele conseguiu um trabalho: Um empresário que não sabia nem ao menos trocar uma lâmpada foi trabalhar no canteiro de obras. Márcio tentou trabalhar por uma semana, mas, segundo ele, o chefe só o deixou lá “por dó”, pois como não sabia como uma obra funcionava e nem fazer os serviços que ali demandava, ele apenas atrapalhava os outros trabalhadores. Apesar disso, durante essa semana, o chefe permitiu que ele dormisse na obra para não ficar na rua. Quando realmente foi despedido do trabalho de auxiliar de pedreiro, já tinha um pouco de dinheiro, por isso conseguia comer algo que não fosse lixo.

Comendo pouco e racionando o que tinha, ele estava perdido andando pelas ruas da cidade, até que em um momento de desespero ele olhou para o céu, pensou em tudo o que estava passando, chorou e pediu para que Deus o ajudasse. Durante a situação em que estava vivendo, sem esperanças, Márcio já não tinha a quem ou o que se apegar. Não sabia com quem conversar para que a luz dentro dele acendesse novamente, a saída foi encontrar Deus.

Nesse momento de profunda prece, as ideias clarearam: “Lembrei de uma novela em que a menina morava na rua e vendia

flores para comer e foi exatamente isso que eu fiz”. O pouco dinheiro que Márcio tinha guardado foi investido em rosas e chocolates Sonho de Valsa. Dentro do arranjo da flor, ele colocava os chocolates. Foi vender no centro da cidade. Quando a ideia veio à tona, ele percebeu que faltavam poucos dias para o Dia dos Namorados, por isso se empenhou nas vendas e com o dinheiro que lucrou conseguiu alugar um quarto para morar e não ter que dormir nas ruas.

Após isso, ele percebeu que poderia tirar o mínimo do seu sustento com as vendas de Sonho de Valsa. Passou a investir em pequenas embalagens decoradas com papel celofane, comprou uma cesta para colocar os bombons e passou a ir todos os dias para o centro da cidade vender. “Nessa época eu já estava engordando, gosto de ser gordinho”, diz ele com um sorriso tímido.

Seu trabalho lhe deu dinheiro suficiente para fazer um uniforme com uma costureira e passar a ajudar outras pessoas também. Ele sabia que se economizasse conseguiria fazer marmitas para ajudar quem ainda está em situação de rua. Por isso, se esforça para todo fim de semana servir comida a essas pessoas.

Márcio diz que aprendeu muito com tudo o que aconteceu há pouco mais de um ano. “Eu era estourado, ignorante e arrogante, mas sempre fiz de tudo para os meus, amava mais aos outros do que a mim. Hoje,

quando percebo que o antigo Márcio está voltando, me dou uma bronca e me polício”.

“Eu tinha de tudo, viajava, comprava as coisas, não tinha problemas, mas a gente não sabe os planos de Deus”

Márcio conta, um pouco acanhado, que hoje já está bem melhor do que há alguns meses e que acima de tudo já não é a mesma pessoa de antes. “Não desejo mal a ninguém. Muitas pessoas viraram as costas para mim, pessoas em quem eu mais confiava, por quem eu fiz muitas coisas. No começo eu tive muita raiva, mas hoje já não sinto mais nada. Quando cheguei a Peruíbe tive a surpresa de encontrar pessoas com quem não conversava há mais de 10 anos e foram essas pessoas que me ajudaram, por elas eu sinto gratidão”.

Em tom orgulhoso, ele diz que ainda falta muito para chegar aonde quer: voltar a trabalhar com sua empresa, casar e ter uma família novamente, mas tem a noção do quanto já conseguiu sozinho se reerguer.

TRAÇANDO NOVOS CAMINHOS

Casal cruza a América e, em busca do sucesso, supera dificuldades impostas pela pandemia por meio do empreendedorismo

GUILHERME SIBILIO

O salário mínimo era 2 dólares. Era praticamente impossível viver lá”. Esse é o relato de Jorge Luis Reyes, de 31 anos, nascido em Aragua de Barcelona (Venezuela), que em 2018 decidiu arriscar, mudando-se para São Paulo, em busca de levar dignidade para sua família.

Jorge sentiu na pele o drama e o desespero de não conseguir se manter. Cansado de passar apuros, optou por mudar de vida. Resolveu os procedimentos burocráticos e desembarcou no Brasil com sua irmã.

Juntos, eles se hospedaram em um abrigo para refugiados, em São Paulo. Sua esposa, Ysabel Eugenia, grávida no momento, e seus outros dois filhos, ficaram na Venezuela. Reyes tinha certeza de que, em breve, todos estariam reunidos novamente, e dessa vez no Brasil.

O começo não foi dos mais fáceis, como imaginado. “O processo de adaptação para uma nova vida é sempre difícil. Eu cheguei sem nada, do zero. É desafiador. Porém, sempre me identifiquei com o povo brasileiro”, explica.

Tudo parecia perfeito. Rapidamente, o venezuelano, que é graduado em Engenharia de Sistemas, conseguiu uma vaga de emprego em São Paulo, contratado como gerente de vendas em uma empresa de serviços.

As coisas estavam boas, mas podiam melhorar. Sete meses após ter conquistado sua vaga em São Paulo, Reyes recebeu uma proposta para trabalhar como supervisor em uma empresa especializada na montagem de móveis. O salário era ainda maior.

Após tantas dificuldades, o venezuelano vivia ‘sobre as nuvens’. Financeiramente estabilizado, finalmente conseguiu trazer sua esposa e os filhos para perto novamente. O caçula, que quando o pai saiu de casa ainda estava na barriga da mãe, chegou a São Vicente já com cinco meses de vida.

Na cidade litorânea, foi amor à primeira vista. “Ficamos encantados com as praias de São Vicente”, relembra.

Porém, o que era sonho se tornou pesadelo. Como se sabe, a pandemia da covid-19, além de tirar milhões de vidas no mundo, devastou a economia, deixando pessoas completamente desamparadas. A família Reyes foi uma das vítimas do vírus. “A empresa, sem poder prestar serviços e, consequentemente, sem fonte de renda, já não conseguia mais arcar com o salário dos funcionários, tendo que demitir vários deles, inclusive eu”, relata.

Jorge Reyes conta que viu seu mundo e da família desabar novamente. Com dinheiro escasso e num país desconhecido, a família precisou se mudar, mas se mantendo ainda no mesmo município.

Reconstrução

O baque da demissão foi grande. Mas esse não era o primeiro drama vivido por Jorge e sua família. Isso, de certa forma, contribuiu para que ele e os familiares pudessem se reerguer. Foi quando surgiu o empreendimento e a decisão que iria mudar suas vidas.

“Vimos o empreendimento como uma oportunidade. Já era um desejo nosso. Fomos resistentes no momento de tristeza, e



Através do empreendedorismo, Jorge e sua família conseguiram superar as dificuldades financeiras produzindo tequeños (salgados tradicionais na Venezuela)

decidimos arriscar”, conta.

Determinados, Jorge e Ysabel fundaram a empresa ‘TQ Real’. A marca produz tequeños, salgado de tradição venezuelana e ainda pouco conhecido entre os brasileiros.

“No início, tínhamos muita dúvida se daria certo ou não. Embora, é claro, tivéssemos noção da nossa capacidade. O que mais preocupava era o fato de estarmos investindo em um produto pouco conhecido entre os brasileiros. Não seria fácil dar visibilidade a ele. Porém, tínhamos certeza de que se o alimento chegasse até as pessoas, a aprovação seria grande. Logo de cara os feedbacks foram sensacionais e isso motivou muito e ajudou a chegarmos aonde estamos”, conta.

Jorge também destacou o capricho necessário para a produção do salgado, que definiu como “arte”.

O tequeño é feito à base de farinha de trigo e queijo. Embora a massa semifolhada se assemelhe à de um mistinho, seu preparo não é assado, e sim frito. “Assim como no Brasil, uma festa tem coxinha, lá dizemos que pode faltar o aniversariante, mas não pode faltar tequeño”, compara com o país natal.

Um ano e meio após a abertura da empresa, Jorge e sua esposa caminham sobre os trilhos novamente. No momento, o TQ Real funciona como delivery. Os pedidos podem ser feitos através do Instagram oficial da empresa, que já possui mais de 5 mil seguidores. O jogador Yeferson Soteldo, ex-atleta do Santos, que também é venezuelano, já prestigiou o salgado da família Reyes.

Hoje, o TQ Real é uma empresa autossustentável, que faz sucesso em São Vicente. Mas Jorge faz questão de enfatizar que ainda existem muitos passos a serem dados.

Grato pelo momento de estabilidade, o venezuelano resumiu sua trajetória em três palavras: “sonho, persistência e paixão”.

Fotos: arquivo pessoal



Em busca de melhores condições de vida, Jorge deixou sua esposa e os filhos. Após muito suor, conseguiu trazê-los para perto novamente

Ensinando a sonhar

Natalia Marinho venceu a batalha contra a hidrocefalia e hoje dá aulas para crianças da Educação Infantil, promovendo um olhar mais inclusivo

Fotos: Paulo José



Natalia nasceu em Praia Grande e lutou contra a hidrocefalia para realizar o desejo de ser educadora

PAULO JOSÉ

Assim que voltou do seu primeiro dia de aula, Natalia Adriana de Sales Marinho disse para a mãe que queria ser professora. Hoje, aos 24 anos, é formada em Pedagogia e dá aulas particulares de reforço para crianças da Educação Infantil e do início do Ensino Fundamental de segunda a sexta-feira. Mas o caminho até alcançar o seu sonho de infância não foi fácil e sua história de vida trouxe um propósito maior para a escolha da profissão já no fim da adolescência. Ela nasceu com hidrocefalia e foi também diagnosticada com mielomeningocele, deficiência na coluna vertebral e medula espinhal nos primeiros dias de gestação, que ocasionou no uso de cadeira de rodas. Também utiliza a válvula para tratar a hidrocefalia desde bebê.

Durante todos os exames da gravidez da mãe, nunca havia sido constatado que a menina nasceria com alguma necessidade especial. Somente quando houve o parto os médicos descobriram e, mesmo assim, não tinham conhecimento específico desse caso. “O hospital tinha pouco tempo de inauguração e naquela época não era comum os médicos lidarem com esse tipo de situação”, relata Natalia. A mãe se assustou pois, diferente do nascimento de seu primeiro filho, Natalia precisou ser levada com emergência para outra sala e ser tratada com os devidos cuidados. Até os seis meses de idade, precisou conviver com tratamentos diários. A maioria deles, com médicos especializados na AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente) em São Paulo, e na sua

cidade natal. O tratamento foi pautado com fisioterapeuta, fonoaudióloga, psicóloga e terapeuta ocupacional no Núcleo Henry, atual Centro Especializado em Reabilitação.

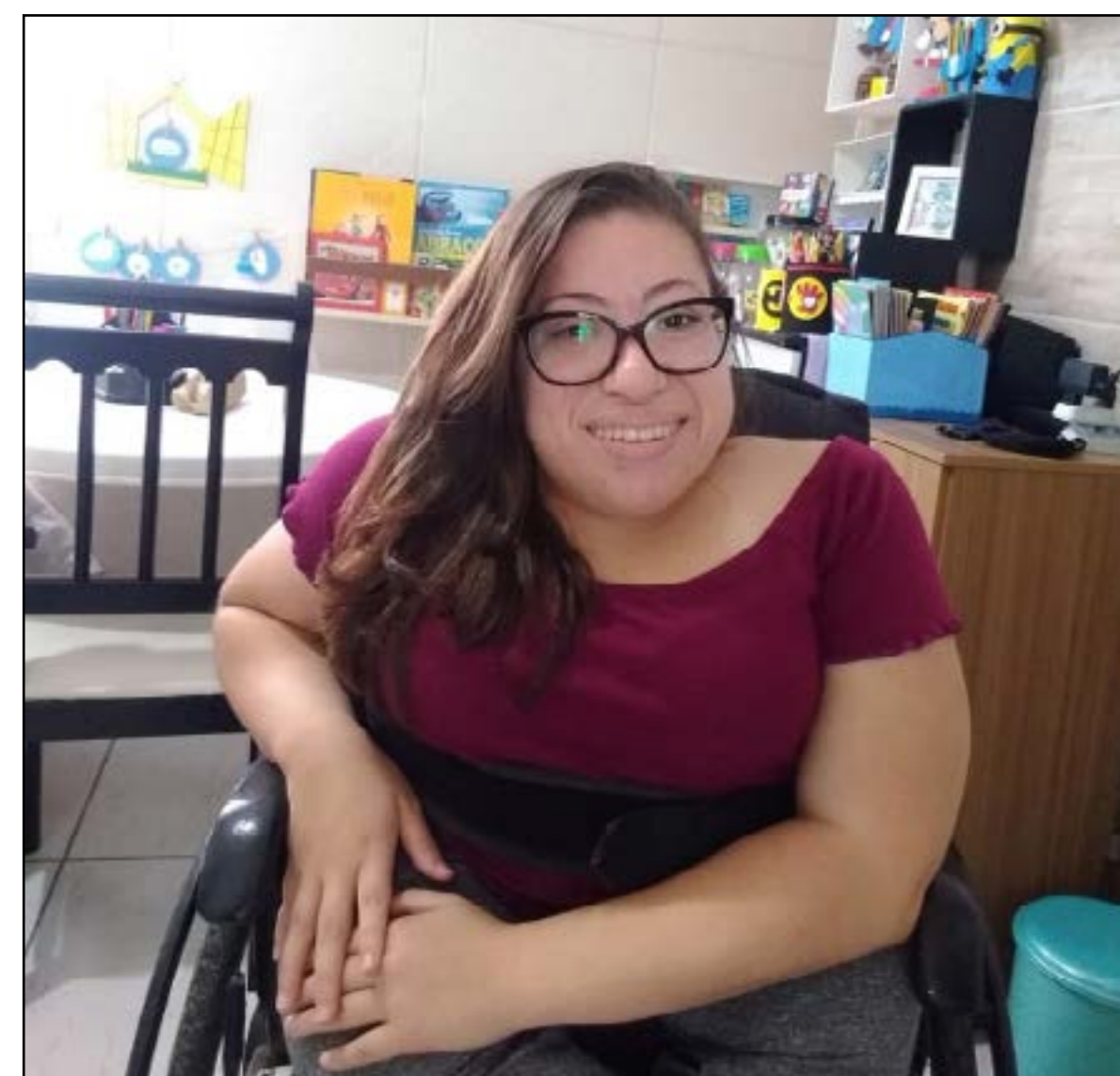
A vida na escola foi boa na maior parte do tempo, segundo Natalia, mas ainda assim ela percebeu só depois de adulta os preconceitos que sofreu por parte de uma professora. Na primeira série do Ensino Fundamental, ela fazia atividades separadas da turma e tinha pouca atenção voltada para seus exercícios. Por consequência, o relacionamento com os colegas de classe ficava restrito ao intervalo, já que era constantemente deixada de lado na sala de aula. “Na época eu não entendia que estava sendo excluída, tinha apenas 7 anos”, diz Natalia. Um dia, ao chegar para mais um dia aula, foi comunicada

“Existem professores que não gostam de trabalhar com pessoas especiais”

dagogia também foi uma maneira de Natalia contribuir para outras crianças serem inseridas no meio educacional.

“Na minha primeira aula de Sociologia na faculdade lembro de uma professora ter perguntado o porquê escolhemos a Pedagogia, e eu disse que escolhi porque queria levar o olhar inclusivo de que não importa se estou na cadeira de rodas ou qualquer outra necessidade especial, podemos sim ter uma formação superior e levar qualidade e inspiração para as demais pessoas”.

Natalia se considera independente. Dentro de casa consegue engatinhar e “leva uma vida normal”, como ela mesma diz. Também gosta de sair e costuma visitar os amigos, vai ao bar e já visitou uma casa noturna com a tia, que é amiga próxima. “As pessoas olhavam de um jeito estranho”, ela conta, mas diz que sua ida à balada foi muito bem recebida pelas pessoas ao redor, com elogios direcionados a sua tia. “Quando era adolescente e não podia sair de casa me sentia uma ‘velha’ (risos). [...] A gente precisa aproveitar a vida”.



A inclusão é parte fundamental da Pedagogia, para Natalia

de que trocaria de turma. O anúncio foi repentino e nem mesmo sua mãe havia recebido essa informação anteriormente. Entretanto, a mudança foi boa para ela, que passou a integrar um espaço em que era mais aceita dentro da sala.

Ela precisou mudar de escola para ingressar no Ensino Médio e foi um momento

“conturbado”, segundo ela, para a gestão escolar a aceitar. Não havia salas de aula térreas, mas, após ir à delegacia de ensino, a escola readaptou uma biblioteca em sala de aula para que ela e outros cadeirantes pudessem estudar. Até hoje, a escola permanece com essa sala de aula em aberto.

Por causa de situações como essa, a pe-



Natalia recebe alunos em sua casa para as aulas particulares de reforço durante os dias úteis da semana

CORRER PARA VENCER



Adilson Dama, conhecido ultramaratonista, supera dificuldades de um AVC e volta a fazer o que sempre foi sua motivação de vida, a corrida

THIAGO DOS SANTOS APOLINÁRIO

O pedestrianismo, ao longo dos anos, se tornou um esporte muito famoso na cidade de Santos. Com provas como os 10 km da Tribuna ou o Circuito Santista, inúmeros atletas marcaram seus nomes nas corridas do município e hoje contaremos a história de um deles. Adilson Dama é um dos atletas conhecidos em Santos e sua história sempre foi repleta de ouros, brilhantes e troféus de campeão. No ano de 2013, porém, sua história teve uma vírgula que poderia ser usada como motivo de desistência, mas não foi o caso do veterano campeão.

Dama começou aos 13 anos de idade em Santos no Senai defendendo as cores da escola, onde estudava também, em corridas de rua com a equipe. Sempre foi visto como o grande destaque, se consagrando muitas vezes nos Jogos Abertos representando Cubatão. Chegou a correr muitas vezes no Rio de Janeiro e conheceu Paulo Miyashiro, que tinha um grupo que reunia muitos jovens de várias modalidades esportivas como o atletismo. Foi onde Dama se encontrou no esporte. Integrou a equipe de corredores da Prefeitura de Cubatão, em 1980, participando de pequenos campeonatos e corridas curtas. Até hoje ele diz que mudou sua história. O responsável por levá-lo para correr em Cubatão foi o professor Roberto Dick. Fez parte da equipe de atletismo de Roberto com cerca 20 anos sendo ainda um grande destaque em provas de 800m rasos, 1500 m, correu pela equipe de revezamento 4x400 m, bateu recordes de velocidade na categoria juvenil de 1982 a 1991, além de ser campeão estadual e regional se consolidando de vez no cenário do pedestrianismo.

Com 22 anos, Dama foi contratado pela Carbocloro, que é uma empresa química brasileira sediada em São Paulo, pois seu currículo já tinha o curso técnico do Senai e era um químico. Por ser um grande atleta, posteriormente viria a defender a empresa. Disputou a Olimpíada das Indústrias e co-



Adilson Dama recebeu inúmeros troféus ao longo de sua carreira esportista

meçou a praticar provas de triatlo, biatlo, duatlo, entre muitas outras, disputando finalmente as provas de 10 km. Dama se tornou um dos primeiros atletas a disputar os 10km da Tribuna, prova que na época ainda não tinha a enorme dimensão de hoje.

A prioridade dele sempre foi a corrida. Por muitas vezes, à frente da corrida ele só colocava o trabalho por ser necessário para conseguir continuar se sustentando, mas a sua faculdade ele demorou muito para terminar justamente por ser substituída por treinos várias vezes. Ora por sua empresa, a Carbocloro, estar em expansão, ora devido a dedicação nas provas de longa distância, onde se consagrou mais uma vez, disputando a ultramaratona (normalmente variáveis

de 50 km a 100 km).

A partir do primeiro contato com as provas de ultramaratona, se apaixonou pela modalidade, mas mantinha ainda o vínculo como atleta da Prefeitura, então usava as provas de 10 km e 21 km (meia maratona) como treino para as de 100 km que ele costumava realizar uma vez ao ano devido ao seu grande esforço físico. Estreou em Cubatão mesmo ficando em quarto lugar logo de cara e no ano de 1999 foi disputar o campeonato mundial na França, sendo oitavo colocado. No mesmo ano ainda participou de uma prova na Espanha, desta vez ficando em segundo lugar. Sua primeira vitória veio em Portugal em 2003.

No ano 2000, Dama participou de uma

Fotos: Thiago Apolinario

prova simbólica em homenagem aos 500 anos do descobrimento do Brasil, partindo do Marco Zero do Rio de Janeiro e com chegada a São Vicente, a primeira cidade do país, no dia do descobrimento, 22 de abril. O desafio durou cerca de 7 dias com paradas planejadas para descanso, alimentação e hidratação. Adison percorria uma média de 60 km por dia.

Até o ano de 2013, participou de suas provas preferidas, as de 100 km, mas nesse ano um fato mudou sua vida. No dia 28 de agosto, Dama sofreu um acidente vascular cerebral isquêmico, o mais comum dos casos, ocasionado por uma obstrução em uma artéria que impediu a passagem de oxigênio para células cerebrais. Foi levado ao hospital e assim que recebeu alta voltou para casa de cadeira de rodas e com o lado direito de seu corpo debilitado, acontecimento que possivelmente acabaria com a vontade de qualquer um e o faria desistir.

Dama declarou que seu comportamento, diferente do esperado, foi completamente normal por sua vontade e garra de vencer todas as corridas. Sua esposa, Valéria Santana, conta que logo que chegaram em casa, ele ficou na sala sozinho e sentado na cadeira enquanto ela cozinhava. Quando se virou, Dama já estava de pé novamente se apoiando nas paredes para conseguir equilíbrio e retornar a sua rotina como se nada tivesse acontecido. Contou que, se parasse, sabia que iria atrofiar e ter dificuldades muito maiores do que as que ficaram hoje em dia.

Um ano depois de seu AVC, Dama já voltou a participar de provas com distâncias



Na primeira corrida após o AVC, os filhos estavam ao seu lado transmitindo energia positiva

de 7 km e 10 km e sua esposa conta que ele nunca parou de vencer, como sempre foi em sua vida. Seu corpo apresenta uma memória fisiológica que retoma todos os anos em que ele passou correndo as provas e reproduz com quase nenhuma diferença o que fazia antigamente. Ainda em provas na empresa Carbocloro, ele disputa com outras pessoas e continua vencendo. Valéria conta que ela

caminha também. Então ele termina a prova de corrida e volta para caminhar mais ainda ao lado dela.

Em muitos momentos de sua recuperação, ele passou por consultas em casa. Quando conseguiu caminhar novamente começou a ir a clínicas. Sentia que estava sempre à frente dos exercícios. Agora, um bom tempo depois do AVC, ele sai sozinho para andar de bicicleta e mais uma vez percorre distâncias absurdas. Também caminha, corre e faz natação. Com certeza a superação foi a maior vitória de toda sua carreira.



A esposa, Valéria, e os filhos, Danilo e Renan, são seus apoiadores

“Adilson já estava de pé 40 minutos após chegarmos do hospital. Não queria se ver em uma cadeira de rodas e levantou sozinho”, Valéria Santana, esposa

Foto: Arquivo Pessoal

DROPAADOR DE ESPERANÇA

Após um diagnóstico de hepatite C nos anos 90, Jeová Fragoso transformou a dura luta individual em propósito de vida ao criar, em 1999, o Grupo Esperança, entidade de abrangência nacional que atua na prevenção e no combate à doença

TIAGO MAESTRE

“Passei por tudo: todos os medicamentos experimentais, tive hepatite C por muitos anos, fiquei com cirrose de último grau, fiz transplante de fígado e com o novo medicamento, estou curado”. Essa declaração sintetiza a trajetória de Jeová Pessin Fragoso, ex-petroleiro de 64 anos, natural de Santos (SP). Ainda no início dessa batalha contra um vírus até então desconhecido e ignorado pela classe médica, Jeová transformou desespero em determinação. “Com a vontade de arrumar políticas públicas, de poder resistir e superar esse problema”, ele criou o Grupo Esperança, entidade que conquistou relevância nacional no combate à doença.

Não foi fácil enfrentar a hepatite C durante os anos 90. O primeiro sinal veio em 1994, em uma doação de sangue. Ao buscar a carteira de doador, deparou-se com olhares preocupantes e uma informação impactante do atendente: “Você tem uma alteração”.

No auge da crise do HIV, vírus causador da aids, a preocupação era gigantesca. Nem diante da insistência, o atendente deu alguma pista sobre o problema e o encaminhou a um médico. O encontro com o hematologista só aconteceu após quatro agonizantes horas, passadas em seu restaurante self-service, comércio que tocava em paralelo ao trabalho na refinaria.

Na consulta, o resultado: anticorpos de HCV, vírus da hepatite C. Ele foi tranquilizado pelo médico, que lhe recomendou um especialista. No dia seguinte, foi a um infectologista que examinou sua vista, para ver se estava amarelada e perguntou se sua urina era escura - sinais clássicos das hepatites. A resposta foi negativa. Mais uma vez, foi tranquilizado. Ouviu que a hepatite C não era contagiosa, que tinha criado anticorpos e poderia seguir a vida normalmente, tudo o que se espera ouvir de um médico.

Cinco anos depois, dores abdominais

causadas pela maratona de trabalho em turno dobrado foram motivo de uma nova consulta. Com o mesmo médico, a lembrança do diagnóstico de 1994 surgiu e a reação foi diferente. Desta vez, ele recebeu a notícia de que teria de fazer novos exames, porque a hepatite C estava levando a muitos diagnósticos de problemas sérios no fígado.

“Fiquei até meio aborrecido com ele na hora. Pensei: poxa, ele tinha meu prontuário e não me avisou. Mas depois nos tornamos amigos, porque eu entendi que, mesmo para a classe médica, a hepatite C em 1994 era muito desconhecida”, relata.

Por ter entrado jovem na Petrobrás, Jeová sempre contou com a cobertura de um convênio médico. Porém, o novo exame solicitado não foi coberto. “Diziam que não estava no rol, que era um exame específico de biologia molecular e em 1999 eu paguei 1.680 reais. Era muito dinheiro e já me ligou um sinalzinho”, recorda. Parecia antever as futuras dificuldades.

Foi com esse exame que ele descobriu que a contaminação acontecia pelo sangue e que não poderia mais compartilhar objetos pessoais. “Só que dentro desses cinco anos eu tinha compartilhado cortador de unha, por exemplo. Muitos casais tinham esse costume e hoje a gente vê que muitas pessoas se contaminaram assim”, conta.

Jeová ainda teria que fazer uma biópsia para complementar o exame e saber o quanto aquele vírus tinha afetado seu organismo. Com pouca informação em Santos, recorreu ao Hospital das Clínicas, em São Paulo.

Quando foi buscar o resultado, deparou-se com uma junta médica. “O primeiro médico que me atendeu chamou um colega, que por consequência trouxe outro. Com essa junta me deram uma resposta: eu tinha uma cirrose de último grau”, relembra.

A primeira reação foi de espanto. Para ele, como para muitas pessoas, a cirrose tinha relação direta com o alcoolismo. Anos depois, ele lutaria para derrubar esse estig-

ma, já que muitos pacientes escondiam suas situações até da família, com medo de sofrer julgamentos.

Então veio outra surpresa. Para chegar a uma cirrose de último grau, ele já deveria ter contato com o vírus há anos, talvez há mais de uma década. Como a hepatite C foi descoberta em 1989, cirurgias e transfusões de sangue anteriores a 1993 - quando os testes para o vírus passaram a ser aplicados - ainda não eram seguras. Ele, por exemplo, tinha operado o menisco e recebido sangue de terceiros.

A próxima surpresa, ainda mais avassaladora, não demorou a chegar. Não existia medicamento eficaz para o vírus, que “co-

Fotos: Arquivo pessoal



Curado e com a ação no Grupo Esperança gerando frutos, Jeová só sente gratidão



Após décadas lutando contra um vírus que se transformou em propósito de vida, Jeová finalmente se curou em 2014, após receber transplante de fígado

“mã” o fígado pelas beiradas e o único tratamento seria um transplante. A reação de Jeová foi a pior possível. “Desci a Serra no desespero total”, conta.

A fila para conseguir um transplante era única, por ordem de entrada, e mais de mil pessoas aguardavam em sua frente. Sem perspectiva, ele e os médicos procuraram tratamentos alternativos, experimentais e chegaram a um medicamento chamado Interferon, um antiviral com tratamento de, no mínimo, um ano, que consiste na aplicação de três injeções subcutâneas por semana, com reações adversas como terríveis dores no corpo.

Ainda em 1999, um novo medicamento surgiu. Aprovado nos Estados Unidos, mas ainda não incorporado ao SUS. “Comprei para tentar melhorar. Eram 840 reais por mês. Duas caixinhas, que davam para o mês”, conta. “Foi outra luzinha que acendeu. Estava tudo errado com essa doença e fiquei sabendo que muitas pessoas também estavam com ela. O ambulatório do Hospital das Clínicas era bem cheio de pessoas no mesmo estado que eu”.

Apesar de o novo medicamento não o curar, de alguma forma ele contribuiu para estabilizá-lo, melhorando suas funções hepáticas e lhe tirando da inalcançável fila do transplante. Nesse contexto, começaram a surgir outros medicamentos, de forma experimental. “Eu assinei termos de consentimento, de que tinha risco de vida. Era o mesmo medicamento, mas numa capsulação diferente, numa fórmula diferente. Tinha as mesmas reações adversas, a vantagem é que

mudava de três aplicações por semana para apenas uma”.

Nessa época, vendo milhares de pessoas sofrerem da mesma doença, com medicamentos caros e falta de informação, Jeová se colocou à disposição de seu infectologista, Evaldo Stanislau, e, juntos, formaram o Grupo Esperança. “Eu devo muito a essa iniciativa por ter conseguido me motivar. Fiz anos de tratamentos e esses medicamentos derrubavam mesmo. Mas com essa atividade pude seguir em frente, dar educação para minha filha”, conta, emocionado.

A carreira na Petrobrás terminou assim que veio o diagnóstico da cirrose de último grau. Foi aposentado compulsoriamente por invalidez, aos 42 anos de idade. Assustado, Jeová também acabou vendendo o restaurante self-service de que era proprietário. “Achei que não combinava. Hepatite com comércio de ramo alimentício. A gente não tinha muita informação”.

Com o foco voltado para as atividades do Grupo Esperança, passou a lutar contra a desinformação, por políticas públicas que facilitassem o acesso a medicamentos e pelo investimento no desenvolvimento de tratamentos mais eficazes. “Foi uma luta incansável, mas que a gente superou”, conta.

Os medicamentos eficazes surgiram somente em 2015, quando a ciência descobriu e o Brasil incorporou ao SUS um tratamento com menos efeitos colaterais, que propicia a cura a 90% dos casos. Antes disso, no entanto, Jeová teve de passar por um novo drama. No final de 2013, com a cirrose até então controlada, suas funções hepáticas co-

meçaram a atrapalhar sua qualidade de vida.

Durante uma viagem programada em família, para passar o Natal em um navio, teve o primeiro episódio de encefalopatia. Ainda no segundo dia a bordo, começou a passar por confusão mental, sintoma que já havia visto em muitos pacientes ao longo de sua jornada. “Você sai do ar, uma substância chamada amônia vai para o cérebro por conta da disfunção hepática”, explica.

Em meio a essa situação e ainda sem os novos medicamentos, em 2014 ele ficou novamente sem perspectiva e teve de passar pelo transplante de fígado. Como no decorrer dos anos a ordem da fila mudou de “por entrada” para “por gravidade” a espera indefinível de milhares de pessoas na frente se transformou num período de doze dias, sendo que sua gravidade já era altíssima.

No Brasil, a doação de órgãos só pode ser realizada com autorização da família de primeiro grau do doador. Curado, Jeová faz um apelo à conscientização pela doação de órgãos e fala da importância do apoio dos familiares, já que dois terços das pessoas na fila ainda não conseguem doadores compatíveis. “Essa família disse sim para a doação de seu ente querido, que havia morrido. Era um fígado compatível com o meu e por isso estou aqui, totalmente recuperado”, diz. “Agradeço todos os dias”.

“Eu devo muito a essa iniciativa por ter conseguido me motivar. Fiz anos de tratamentos e esses medicamentos derrubavam mesmo. Mas, com essa atividade, com a vontade de arrumar políticas públicas, de poder resistir e superar esse problema, pude seguir em frente, dar educação para minha filha”

ARCO Artes e Comunicação
Dezembro - 2021

Revista Laboratorial do curso de Jornalismo do Centro de Ciências da Educação e Comunicação da Universidade Católica de Santos - UniSantos

Redação

Avenida Conselheiro Nébias, 300 - Vila Mathias, Santos - SP - Tel: (13) 3205-5555 - CEP: 11015-002

As opiniões aqui emitidas são de responsabilidade de seus autores

Diretor do Centro

Prof. Me. Paulo Roberto Börnsen Vibiam

Coordenador do Curso de Jornalismo

Prof. Me. Paulo Roberto Börnsen Vibiam

Professora Responsável (Jornalismo)

Profa. Me. Lídia Maria de Melo

Diagramação e Textos

Alunos do 6º Semestre de Jornalismo
Criação: Allanis Rebelo, Kauany Silva e Isabela Solé

Fotos de capa

André Motta/Fotos Públicas

**CHEGOU A SUA VEZ DE FAZER
UM CURSO SUPERIOR
TOTALMENTE GRATUITO
DO INÍCIO AO FIM**

Bolsa de 100% para as licenciaturas presenciais em uma das melhores universidades do País. **Concorra com seu número de inscrição do ENEM.**

- ✓ PEDAGOGIA
- ✓ LETRAS
- ✓ CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
- ✓ MATEMÁTICA



**FAÇA SUA INSCRIÇÃO AGORA
E JUNTE-SE A NÓS!**



UNISANTOS.BR

**CHEGOU
A HORA
DE FAZER A
DIFERENÇA**

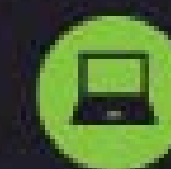


2022

VESTIBULAR



PRESENCIAL



EAD

QUALIDADE COMPROVADA

EXCELÊNCIA E INOVAÇÃO AGORA AO SEU ALCANCE

**PROVA ONLINE
AGENDADA**

JUNTE-SE A NÓS EM
unisantos.br/ vestibular



